

Sartre, Educação e Linguagem

Sartre, Education and Language

*Liliane Barros de Almeida**

**Universidade Estadual de Goiás (UEG)*

Resumo: Realizar o diálogo entre a filosofia de Sartre e o tema da educação se constitui em um grande desafio, pois Sartre não interrogou, nem escreveu texto algum sobre essa questão. Esse estudo é resultado de reflexões realizadas a partir de alguns textos filosóficos da obra sartriana, de modo que com eles realizei leituras e discussões mais aproximadas, o que não impediu de ir a outros de seus textos, conforme o estudo foi se desenvolvendo. O maior desafio foi relacionar ao campo da educação uma discussão filosófica não dirigida a esse propósito, desafio inerente àqueles que buscam pensar a educação numa compreensão de não aceitação do que está instituído, um caminho que está por se fazer a todo momento.

Palavras-chave: Educação. Filosofia. Linguagem. Formação.

Abstract: Carrying out a dialogue between Sartre's philosophy and education is a big challenge, once Sartre did not question or write any texts on this issue. This study is the result of reflections made from some philosophical texts of the Sartrian work, so that with them I carried out readings and closer discussions, which did not prevent me from going to other of his texts, while the study was being developed. The biggest challenge was to relate to the field of education a philosophical discussion not directed to such purpose, a challenge inherent to those who seek to think about education in an understanding of not accepting that which is instituted, a path that is constantly under construction in every moment.

Keywords: Education. Philosophy. Language. Formation.

Pensar a educação com a filosofia exige não aceitar uma definição pronta e acabada de homem e de sociedade, pois esse campo do saber é interpretação crítica que procura a compreensão da realidade, do existente, e nos obriga a formular questões fundamentais, tais como: qual o sentido da educação? O que é educação? O que é o homem? A sociedade? Se a filosofia é questionamento permanente e radical da origem e razão de ser do homem e do mundo, e se a educação visa à humanização do homem, é preciso compreendê-las inerentemente, inter-relacionadas. Assim, os trabalhos da filosofia e a da educação se assemelham no sentido de que são dimensões que se fazem no reconhecimento do homem de si mesmo e de seu saber como consequência de sua existência, das condições e da facticidade histórico-social do seu ser-no-mundo.

Este texto é uma tentativa de aproximação do pensamento de Sartre à educação, em sentido amplo, como constituição da humanidade na existência singular e coletiva, seja na esfera institucional ou não. Uma educação pensada com o fundamento sartriano refuta qualquer ideia de estabelecer modelos, princípios ou métodos educacionais, nos leva à compreensão da condição humana na realidade em que se situa e envolve o agir humano. É uma educação que se realiza na liberdade, sempre aberta e não substancial, fazendo-se como algo nunca acabado, nunca completado.

A educação é dimensão constituinte da realidade humana, afirma a necessidade e o compromisso de fazer com que se transcenda a reprodução social e o controle ideológico dos conhecimentos postos como padrão e que aprisionam o homem. Dessa forma, é ação transformadora da humanidade, no exercício da interrogação, da criação e do trabalho intelectual, da busca do saber, do conhecimento rigoroso e não apressado, pois não é treinamento. Ao contrário, exige dedicação, insatisfação e inquietação, que evoca a criação e a recriação do novo, ao pensar de outras formas o instituído. No exercício, sempre vivo, de contestar a educação reprodutivista a serviço da adequação, do treino e da repetição, defende-se a ação educativa, que visa formar o homem engajado, responsável por seus atos no mundo.

A linguagem¹, sendo indissociável do homem que nela se encontra imerso, é dimensão imprescindível da educação engajada. "A linguagem é um objeto que me recobre

¹ "A linguagem: ela é nossa carapaça e nossas antenas, protege-nos contra os outros e informa-nos a respeito deles, é um prolongamento dos nossos sentidos. Estamos na linguagem como em nosso corpo; nós a sentimos espontaneamente ultrapassando-a em direção a outros fins, tal como sentimos nossas mãos e nossos pés; percebemos a linguagem quando é o outro que a emprega, assim como percebemos os membros alheios. Existe a palavra vivida e a palavra encontrada. Mas nos dois casos isso se dá no curso de uma atividade, seja de mim sobre os outros, seja do outros sobre mim. A fala é um dado momento particular da ação e não se compreende fora dela" (SARTRE, 2015, p. 27).

e aonde vou buscar coisas; só depois eu descubro a sua função, que é a de permitir a comunicação” (SARTRE, 1970, p. 73). O homem constitui seu pensamento por meio da linguagem, elabora seu pensamento, seus sentimentos, suas emoções, seus atos, seus esforços, suas vontades, suas escolhas, seu ser no mundo, a realidade humana. Constitui-se e constitui a todos, influencia e é influenciado, fala e escuta, pensa e age com e na linguagem, base da sociedade humana. A linguagem não é uma mera acompanhante do homem, não está no seu interior, está fora e vai se fazendo como um fio que tece a trama do pensamento. A linguagem se constitui a todo momento e na medida em que o homem avança da capacidade de expressão à capacidade de significação². Assim, por exemplo, a dor pode ser exprimida pelo grito, pelo gesto do corpo, porém as palavras, a frase e o enunciado é que traduzirão o que significa e o sentido do sentimento de dor. É uma forma puramente humana de comunicação, de reconhecimento de si e do outro, de relação com o mundo, de ação social e política, de pensamento, de criação.

Faz parte da condição humana; é originariamente a experiência que um Para-si pode fazer de seu ser-Para-outro, e, posteriormente, o transcender desta experiência e sua utilização rumo a possibilidades que são minhas possibilidades, ou seja, rumo às minhas possibilidades de ser isto ou aquilo para o outro. A linguagem, portanto, não se distingue do reconhecimento da existência do outro. O surgimento do outro frente a mim como olhar faz surgir a linguagem como condição de meu ser. [...] entendemos por linguagem todos os fenômenos de expressão, e não a palavra articulada, que constitui um mundo derivado e secundário cuja aparição pode ser objeto de um estudo histórico (SARTRE, 1997, p. 465).

Entende-se por linguagem não a palavra e sua estrutura na língua falada ou escrita, mas todas as formas de expressão, que são sempre livres, pois é ato de fuga para fora de si mesmo, que expressa sua interpretação do mundo, da realidade. Cada palavra, cada gesto, cada expressão é um vivido do mundo, da vida, da realidade humana, como possibilidade viva da liberdade. Somos livres para nos libertar, ou, pelo menos, tentar nos libertar, e a linguagem é uma dimensão dessa possibilidade, pois assim como a imagem não é a soma

² “[...] o ‘sentido’ de minhas expressões sempre me escapa; jamais sei exatamente se significo o que quero significar ou sequer se *sou* significante; neste momento exato, eu precisaria ler o pensamento do outro, o que, por princípio, é inconcebível. E, sem saber o que é que realmente exprimo para o outro, constituo minha linguagem como um fenômeno incompleto de fuga para fora de mim mesmo. Uma vez que me expresso, não posso mais do que conjecturar sobre o sentido do que expresso, ou seja, em suma, o sentido do que sou, posto que, nesta perspectiva, exprimir e ser identificam-se” (SARTRE, 1997, p. 465-466).

dos elementos da sensação reproduzida na mente, a linguagem não é a tradução do pensamento pelas palavras. A linguagem participa ativamente do exercício de elaboração e formulação das ideias e do pensamento, e para tanto utiliza da razão, do conhecimento, da percepção, da imaginação e de outras formas da consciência. Como dimensão da existência, a linguagem é experiência humana que se faz no mundo da cultura, das artes dos homens entre os homens.

Dir-se-á que essas diversas tentativas de expressão pressupõem a linguagem. Não discordamos. Diremos melhor: elas são a linguagem, ou, se preferirmos, um modo fundamental da linguagem. Porque, se existem problemas psicológicos e históricos acerca da existência, da aprendizagem e da utilização de tal ou qual língua específica, não há qualquer problema particular referente ao que denominamos invenção da linguagem. A linguagem não é um fenômeno acrescentado ao ser-Para-outro: é originariamente o ser-Para-outro; ou seja, é o fato de uma subjetividade experimentar-se como objeto para o outro. Em um universo de puros objetos, a linguagem não poderia de forma alguma ser ‘inventada’, pois presume originariamente uma relação com outro sujeito; e, na intersubjetividade dos Para-outros, não é necessário inventá-la, posto que já é dada no reconhecimento do outro. Pelo simples fato de, não importa o que faça, meus atos livremente concebidos e executados e meus projetos rumo a minhas possibilidades adquirirem lá fora um sentido que me escapa e experimento, eu sou linguagem (SARTRE, 1997, p. 464-465).

Jamais se pode tratar das questões da linguagem reduzindo-as ao campo biológico ou psicomotor, pois a linguagem é constitutiva do humano na sua existência como humano. Ela é totalidade, composta por um conjunto de fatores articulados entre si: é uma criação humana, que se faz instituinte, pois ao mesmo tempo em que foi criada, também cria-nos constantemente; possui estrutura organizada, por meio de um código que produz informação e comunicação.

Dizer que a linguagem é criação remete a tê-la como constituinte da realidade humana, envolvida no ser homem-no-mundo, ser social que cria e recria suas instituições sociais, inclusive a linguagem e as línguas. “O poder que a linguagem tem de interrogar a si mesma é um poder fundado. Isto é, possui raízes não linguísticas” (JOSGRILBERG, 2002, p. 258), pois é processo e sistema de relações, significados e experiências. Falamos, escutamos, lemos, escrevemos e, por muitas vezes, vivenciamos, experimentamos a linguagem sem mesmo conhecer cientificamente sua estrutura e organização interna, pois a comunicação e a língua se constituem em meio à cultura, no meio do mundo. Entendida

assim, a linguagem torna-se meio, e não um fim em si mesma, conhecimento, relação com o mundo e com o outro, percepção e sensibilidade, criação e imaginação, liberdade. Portanto, o objeto da linguagem reside fora da própria linguagem, pois ela tem ao mesmo tempo um aspecto social e outro individual, o que faz com que esteja em movimento de estruturação evolutiva ao mesmo tempo em que refaz o instituído. Não se confunde com a língua, que é parte determinada e essencial dela. A língua é um todo em si, um produto social, um conjunto de convenções adotadas e determinadas pelo corpo social, e a linguagem é multiforme, social, fisiológica e psíquica, pertence aos domínios individual e social.

Como estrutura organizada e sistematizada de comunicação, a linguagem é composta por um código linguístico que se constitui pela relação entre signo, significação e coisas. As palavras não são ideias nem conceitos, mas designações que têm sentido e criam sentido, na medida em que os vividos se fazem. A linguagem é algo que se articula com a consciência, é perpétuo movimento para fora de si mesma, "a palavra é apenas uma baliza; apresenta-se, desperta uma significação, e essa significação não volta nunca sobre ela própria, mas avança para coisa e deixa cair a palavra" (SARTRE, 1996, p. 40). O pensamento, a realidade e a linguagem são, pois, indissociáveis. A ação do pensamento está intrinsecamente relacionada à linguagem que significa, dá sentido às coisas, à realidade.

O pertencer à espécie humana com efeito, define-se pelo uso de técnicas muito elementares e genéricas: saber andar, saber segurar, saber falar, saber distinguir em geral o verdadeiro do falso, etc. mas não possuímos tais técnicas desta maneira abstrata e universal; saber falar não é saber pronunciar e compreender as palavras em geral, mas saber falar determinada língua e, com isso manifestar seu pertencer à humanidade ao *nível* da coletividade nacional. Além disso, saber falar uma língua não é ter um conhecimento abstrato e puro da língua tal como os dicionários e as gramáticas acadêmicas a definem: é torna-la minha através das deformações provinciais, profissionais, familiares (SARTRE, 1997, p. 629).

Uma língua "torna-se minha" no convívio dos humanos com a cultura, os costumes, as palavras pronunciadas e os significados a elas atribuídos. Assim, a linguagem e a língua são fenômenos que envolvem a apreensão do homem em relação ao mundo e a si mesmo. Dá-se pelos sentidos, pelos significantes que se produzem na e pela realidade humana. "É somente no interior da frase, com efeito, que a palavra pode receber uma real função designativa; fora da frase, é apenas uma função proposicional (*propositionnelle*), quando não passa de simples rubrica destinada a agrupar significações absolutamente

dísparos” (SARTRE, 1997, p. 631), ou seja, a palavra em si mesma, não passa de signo, instrumento verbal material da língua, grafemas unidos por uma lógica linguística. O significante é a unidade verbal, um encadeamento organizado de signos, palavras, frases, orações, enunciados, que tem por função garantir a comunicação. É um ato constitutivo que se concebe rumo à compreensão da mensagem que visa comunicar, expressar algo. Signo e significante compõem o conjunto das regras, construídas convencionalmente. São elementos imprescindíveis à linguagem e ao conhecimento, porém são apenas referências materiais e estruturais que compõem a organização linguística. A relação signo-significante é ato de “compreender a palavra à luz da frase [que] é *exatamente* compreender qualquer que seja o dado a partir da situação e compreender a situação à luz dos fins originais” (SARTRE, 1997, p. 632). São os signos e significantes que possibilitam a expressão dos significados e nos remetem à intuição das coisas.

A coisa é dada como intencionalidade do significado, não como representação dela. A expressão, a palavra, a frase são portadoras de significados que nos remetem à intuição das coisas sempre situadas, ou seja, o significado está em situação. Compreender o significado é movimento de transcendência, de lançar-se “rumo a possíveis, rumo a fins, e retornar em seguida ao conjunto dos meios organizados para compreendê-los por sua função e seu objetivo” (SARTRE, 1997, p. 632). Josgrilberg (2002), à luz das *Investigações Lógicas*, caracteriza o essencial ao ato de expressão linguística: a intencionalidade, como aquela que ao conferir significado ao objeto, capta sua idealidade. O signo não funda o significado, ele é fundado na intuição da coisa mesma. Também a essência da expressão é fundada e precisa ser elucidada: a expressão nomeia o objeto, mas não é ele próprio, somente remete a ele. A relação que funda o ato de expressão se dá com um termo ou um juízo. A análise linguística limita-se às coisas materiais da linguagem, a intencionalidade busca o fundamento no significado e suas modificações intencionais; a unidade ideal do significado possibilita e exige uma gramática e uma analítica da frase.

Feitas as distinções necessárias, é importante reafirmar que a linguagem é mediação na relação significado e objeto. O conhecimento, a percepção, a imaginação, só são possíveis pela mediação linguística – relação entre signo, significante e significado. O pensamento não pode ser reduzido à língua, mas somente se torna produtor de conhecimento por meio da linguagem, que é bem mais ampla que a língua. A língua é dimensão que potencializa o pensamento. Quanto melhor se tem o domínio da língua, de suas estruturas, de seu uso, de sua história, melhor se faz e se produz o ato de pensar, de julgar, de conhecer, de imaginar, de perceber, de discernir, enfim, de se fazer e estar no mundo. Com a linguagem, pensamos ao mesmo tempo em que falamos e escutamos. Ela nos possibilita compreender nossos próprios pensamentos e ao mesmo tempo, o do outro, que fala conosco. E Sartre afirma que “escutar o discurso é ‘falar com’, não simplesmente porque o imitamos para decifrá-lo, mas porque nos projetamos originariamente rumo aos

possíveis e porque a compreensão deve se estabelecer a partir do mundo” (SARTRE, 1997, p. 632-633), ou seja, é preciso constituir a linguagem na relação com sua estrutura linguística, humana, e sempre na realidade do mundo que nos cerca. As palavras instigam pensamento e criam significados no cotidiano da arte, da filosofia, das letras, da cultura, da ciência e da educação. É com a palavra que nos relacionamos com a realidade, com o pensamento, com o outro e com o inexistente, e a linguagem veicula significações, sentidos, evoca recordações, lembranças, cria o novo, suscita possibilidades ainda não existentes. As palavras constituem e criam sentido às coisas, ao mundo.

A linguagem não é descrição ou tradução do pensamento, ao contrário, é pensamento em ação. Não é representação, é constituição de significado e significações. É relação contínua e lógica entre as palavras. A realidade e as significações são inseparáveis da linguagem e devem suscitar a interação dos fatos, das coisas, das pessoas, das instituições com o pensamento, com as ideias e com os conceitos, por meio das palavras, das frases, dos enunciados, dos textos. Dessa forma, a linguagem deve ser uma dimensão muito cuidada pela educação que se volta ao compromisso social, político e filosófico do homem no mundo.

É falando que fazemos com que haja palavras, não suprimimos com isso as conexões necessárias e técnicas ou as conexões de fato que articulam-se no interior da frase. Melhor ainda: fundamentamos esta necessidade. Mas, para que tal necessidade apareça, precisamente para que as palavras mantenham relações entre si, para que se entrelacem - ou se rejeitem - mutuamente, é preciso que estejam unidas em uma síntese que não proceda de si próprias; eliminemos esta unidade sintética e o bloco ‘linguagem’ desintegra-se; cada palavra volta à sua solidão e, ao mesmo tempo, perde sua unidade, esfacelando-se entre diversas significações incomunicáveis. Assim, é no interior do projeto livre da frase que organizam-se as leis da linguagem; é falando que faço a gramática; a liberdade é o único fundamento possível das leis da língua (SARTRE, 1997, p. 634).

Em nossa ação no mundo, fazemos uso de objetos e instrumentos os mais variados possíveis para garantir a sobrevivência e satisfazer nossas necessidades como humanos. A língua é uma dimensão instrumental da linguagem que, no cotidiano de nossas ações, se estrutura por um complexo mecanismo voltado às coisas do mundo e a serviço de nossas ações, o que, junto à diversidade de elementos aqui discutidos, justifica voltarmos a atenção ao lugar da leitura e da escrita na formação humana. Já que a educação, por sua natureza, é uma atividade histórica, cultural e social de homens, imediata e diretamente voltada à comunicação, é ato plenamente mediado pela linguagem.

A educação se realiza na relação dos homens com o conhecimento, com o saber e com a cultura, fazendo com que o sujeito vivencie por meio das práticas sociais sua condição de homem nesse mundo. Nesse sentido, a escola, instituição social responsável pelo cultivo do pensar, do saber e do aprender, deve se constituir pela prática educativa que conduz ao pensar diferente, ao olhar por outra ótica a vida, a existência pessoal e social. A instituição escolar, da educação infantil ao Ensino Superior, trabalhando nesse sentido, possibilitará que o sujeito gire seu olhar e perceba pela autonomia do pensar, do agir e da reflexão, o sentido da excelência do verdadeiro, do belo³, do bom e do justo. Isso somente será possível com a apreensão do sentido, do agir humano que busca o conhecimento e o saber como possibilidades de superação, de transcendência. Porém, o sentido, os significados, as significações relacionados ao mundo e às coisas, não se revelam de imediato ao sujeito, não se dão diretamente à percepção física, ou espontaneamente, eles se revelam pela mediação dos signos e símbolos, componentes primordiais da linguagem. A linguagem é o meio que pode propiciar aos humanos o acesso aos sentidos tanto no âmbito individual como coletivo.

A linguagem é pensamento e ação, e sua relevância na condição humana é a de possibilitadora do desenvolvimento e da constituição dos sentidos, significados e significações, e o compartilhamento desse sentido viabilizado pela comunicação. O processo de comunicação, então, se dá de forma intensa e extensa no cotidiano da vida humana, da fala, da oralidade, da escrita e da leitura; é espaço de intercâmbio de significações. Portanto, se a educação visa à apreensão dos sentidos, significados e significações, precisa fazê-la por meio do exercício rigoroso da linguagem. A compreensão da linguagem de forma clara, concisa e coerente, não é campo de domínio puramente técnico dos significantes linguísticos, mas é ato de chegar à significação dos múltiplos e complexos aspectos do real, para poder recriá-los, refazê-los. Para tanto, temos à nossa disposição os textos escritos, a fala, os signos, que são decodificados em seus contextos de forma a elucidar referenciais ao pensar e agir humanos.

Para Sartre, “uma coisa nomeada não é mais inteiramente a mesma, perdeu a sua inocência. Nomeando a conduta de um indivíduo, nós revelamos a ele; ele se vê” (SARTRE, 2015, p. 28), portanto, a linguagem é ação do homem no mundo. “A cada palavra que digo, engajo-me um pouco mais no mundo e, ao mesmo tempo, passo a emergir dele um pouco mais, já que o ultrapasso na direção do porvir” (SARTRE, 2015, p. 28). Então, formar tendo a linguagem como uma premissa para agir no mundo é formar o sujeito comprometido com sua linguagem como sua condição de elaboração do

³ “Cada vez que encontramos um conjunto tal que é estruturado do modo a que cada parte remeta todas as outras ao todo, mesmo se o objetivo não foi a beleza, ele próprio aparece como beleza. [...] Minha adesão ao belo, o modo como vou perceber que é belo é uma atividade” (SARTRE, 1987, p. 11 e 16).

pensamento, da ação e da transformação do mundo e da realidade humana, que é ao mesmo tempo individual e coletiva, porque é de cada um e de todos os homens. Esse sujeito é o escritor engajado sartriano, aquele que “sabe que a palavra é ação: sabe que desvendar é mudar e que não se pode desvendar senão tencionando mudar” (SARTRE, 2015, p. 29). Então, não se contenta em contemplar passivamente o mundo, ao contrário, busca a compreensão dessa realidade, para com ela assumir a atitude de mudá-la, imaginando e constituindo outra realidade, outras possibilidades de realidade, de vida. Esse homem é aquele que decidiu desvendar o mundo, o real, “o homem para os outros homens, a fim de que estes assumam em face do objeto, assim posto a nu, sua inteira responsabilidade” (SARTRE, 2015, p. 29-30), que é de serem homens vivendo entre homens.

Dessa forma, o indivíduo assume todos os riscos e responsabilidades da vida individual e social. Por exemplo, como afirma Sartre, não ignora a lei, pois a lei é palavra escrita, é código organizado e desvendado e assim, o homem é livre para infringi-la e ao fazê-lo, sabe dos riscos que corre. Da mesma forma pode-se afirmar sobre as teorias, o conhecimento, as artes, as letras, as ciências, a ética, a moral. Esse homem que fala, lê, escreve, age e se comunica, produz e é produzido com os outros homens, não pode ignorar as coisas do mundo, a realidade produzida na cultura, nos registros escritos, na história, não está isento do compromisso diante das coisas do mundo.

O homem, “uma vez engajado no universo da linguagem, não pode nunca mais fingir que não sabe falar: quem entra no universo dos significados não consegue mais sair” (SARTRE, 2015, p. 30), pois assume seu lugar no mundo. À instituição escolar, cabe pensar uma formação engajada do homem no mundo, um homem que seja comprometido com a obra de cultura que se faz na lucidez e rigor do pensamento e da ação, professores e estudantes envolvidos na iniciação e produção rigorosa e crítica no mundo da cultura e da humanização, com vistas à possibilidade sempre viva de superar o real em todos os lugares, tempos e condições da vida. Na instituição educativa, da infância à vida adulta, é fundamental que se estabeleça o convívio fecundo com a leitura, com a escrita, com os autores, com os livros, com os textos clássicos, pois são imprescindíveis ao cultivo do pensamento criador e ao aprendizado e desenvolvimento da cultura e do saber historicamente produzido pela humanidade. Esse convívio com a obra de cultura propicia aos estudantes outras possibilidades formativas, que ampliam suas experiências com a imediatez e o utilitário do mercado e do consumo, das mídias e da tecnologia.

Iniciar os estudantes no mundo da cultura é *convidá-los a caminhar, a fazer a experiência* da leitura, da escrita, do pensamento, da descoberta, da criação, da busca do saber, da formação intelectual ampla e rigorosa; procurar os meios para chegar a esse mundo e aí estabelecer morada, convivência interrogante, amorosa e de amizade na

e pela autonomia e liberdade. É formar os estudantes no convívio com as várias manifestações e expressões do engenho humano; com os conceitos, teorias, leis e técnicas, as formas do verdadeiro, do belo, do sublime, do que é bom e ético. É participar da iniciação dos alunos no saber, criando condições para que descubram os segredos, desvendem os mistérios do mundo físico e humano, sem esquecer que tudo isso, a começar pelo convite, só se efetiva pela *forma* da aula, da relação dos professores e alunos com as obras de cultura, pelo rigor e dimensão interrogante do ensinar e do aprender (COÊLHO, 2012, p. 80, grifo meu).

A leitura e o estudo dos textos, dos argumentos, das palavras, da trama, do movimento do pensamento é apelo à liberdade dos homens, no sentido de suscitar a transcendência do instituído, para fazer-lhe instituinte. Na leitura, o sujeito é posto frente ao real, por meio da narrativa, da teoria, das letras, das artes e da criação literária como mediação do mundo. Estabelece, então, uma relação entre leitor e escritor, em que suas liberdades “procuram e se afetam através de um mundo” (SARTRE, 2015, p. 63) que constituirá significados, sentidos novos, possibilitando outras formas de conhecer, imaginar, perceber as coisas do mundo. O trabalho com os textos, a escrita e a leitura é constitutivo da autonomia intelectual, emocional e cognitiva dos estudantes e professores. Assim, a dúvida será sempre possível e os sujeitos estarão no caminho do agir, da contestação, do pensamento, da escolha, da decisão, do julgamento cuidadoso e rigoroso aliado à reflexão baseada no conhecimento e no saber das teorias, da cultura, da história, da sensatez, enfim, da produção e da realidade humana.

A produção escrita é obra de cultura que possibilita a todos, a qualquer tempo, condição ou contexto histórico, questionar ou confirmar ideias, valores, princípios, práticas de forma a poder renová-las, conservá-las ou transformá-las com lucidez e coragem. Não é suficiente conhecer os resultados das pesquisas ou as teorias finalizadas, prontas e acabadas, mas compreendê-las com rigor e crítica acompanhados do aprofundamento do saber, dos conceitos, das teorias, dos métodos de investigação, das ciências e da história da criação humana. Assim, “escritura e leitura são as duas faces de um mesmo fato histórico, e a liberdade à qual o escritor nos incita não é pura consciência abstrata de ser livre” (SARTRE, 2015, p. 62), é a conquista da liberdade que se dá no exercício histórico do agir humano, da escolha de transformar o mundo, os hábitos, os costumes, a razão, o bom senso, os conflitos, a vida. A leitura implica a escrita numa relação de criação e recriação, aceitação e questionamento, que é movimento de racionar, imaginar, conhecer e compreender possibilidades formativas e experiências de aprendizagem e de criação humanas.

Em entrevista a Michel Contat, Sartre afirmou: “o artista da linguagem é aquele

que dispõe as palavras de tal maneira que, segundo a iluminação que sobre elas dirige, o peso que lhes dá, significam uma coisa e outra, e ainda outra, sempre a níveis diferentes” (SARTRE, 1977, p. 128). Prima pela capacidade imprescindível ao autor de fazer com que a linguagem utilizada seja produtora de sentido, estímulo ao aprofundamento e conhecimento, de forma que as palavras e os conceitos estejam logicamente ordenados, elucidando o pensamento do autor, ao mesmo tempo em que instiga a imaginação e a ação do leitor.

A riqueza e a diversidade da linguagem são inesgotáveis e constituem possibilidades de compreensão e clareza nas atividades humanas e nas relações sociais. No processo formativo, a linguagem é dimensão imprescindível a ser cuidada com rigor e supõe leitura e escrita atentas, críticas e cotidianamente investigativas, preocupadas com o significado das palavras, dos termos e com as elaborações das frases. Enfim, leitura e escrita que se constituíram como enunciados, orais e escritos, compromissados com o outro, com o pensamento, o conhecimento, o saber, no qual o sujeito se comunica com clareza e compromisso social sempre instituinte do novo, aberto à criação de novas possibilidades. É no convívio com as obras de cultura que se constitui a formação, aberta à possibilidade de instituir outras obras de cultura. Sem leitura, escrita, estudo, debate das ideias como exercício permanente de busca, de questionamento e elevação intelectual, raramente se constituirá o saber e a formação, “sem essa disciplina e dedicação, não há escola nem universidade, pois é nessa proximidade que a leitura, o estudo, escrita, a compreensão e a formação acontecem, se realizam” (COÊLHO, 2016, p. 104). Transformar o conhecimento, as coisas da vida humana e da realidade em obra de cultura exige que “os estudantes aprendam a pensar, a fazer distinções e a compreender as ideias, o mundo, a *práxis*, as criações humanas, a vida em comum, a ética e a política” (COÊLHO, 2016, p. 105). Esse processo não é nada simples, fácil ou rápido e imediato, ao contrário, é exigente, lento e mediado pela linguagem, pela postura ética e compromissada, e pela possibilidade da criação.

Considerações finais

Pensar uma ação educativa que seja atitude permanente de contestação do instituído, busca de superação, criação de todos, transcendência da configuração e da reprodução posta e imposta supõe valores e saberes constituídos nos procedimentos que se tem, para compreendê-los e refletir sobre eles, avançando no sentido de pensar e realizar outra tessitura. Considerar o lugar e o sentido da linguagem na educação pode ser uma forma de melhor elucidar essa questão. A possibilidade de criação junto à linguagem e ao

compromisso ético constitui a ação educativa compromissada com o humano, o social, o coletivo.

A dimensão criadora humana é condição para a educação que visa à aprendizagem, ao aprender a pensar de forma diferente, nova. Nesse entendimento, o humano, estudantes e professores, são considerados como capacidade criadora ou imaginante, que possibilita novas formas de conhecer, ensinar e aprender, capazes de ordenar o pensamento, numa ação de contestação dos procedimentos tradicionais.

O que aqui se propõe é pensar o ser humano como inacabamento, consciência livre, que sente, deseja, percebe, julga e cria num fluxo que pressupõe a indeterminação de ser-no-mundo, ao mesmo tempo em que compreende as determinações da situação de estar-no-mundo. É claro que não é uma questão apenas de ordem e desordem, mas sim de considerá-las como polos em constante relação e movimento, pois o ato de criar apoia-se na forma e no conteúdo, na matéria, no físico e na expressão, na cultura que se transforma, é recriada, reinventada em virtude das significações imaginárias que constituímos nos processos de pensar e de agir na vida, na sociedade, no cotidiano. Esse homem duvida, interroga o sentido e a gênese dos métodos, dos conceitos, dos argumentos, das articulações lógicas, da razão, e põe-se em relação com a verdade, pois a dúvida, o questionamento, a crítica e a contestação não destroem o conhecimento, o saber, ao contrário o constituem, fortalecem-no, fazem com que ele exista, seja verdade, e possibilite constituir questões fundamentais à educação e à ciência.

A educação engajada e compromissada se realiza pela autonomia do pensar e pela possibilidade de realização das finalidades éticas que envolvem a capacidade de decidir, de escolher, e ao fazê-las assumir toda a responsabilidade envolvida. O homem engajado é facilmente reconhecido por sua forma de ser e de agir, ao dirigir seus atos com sabedoria e moderação, buscando a sensatez, a sabedoria e o bem comum. Não faz o que quer, ou sequer age de acordo somente com seus interesses individuais, ao contrário, é o que é porque escolhe por meio da razão, delibera entre generosidade e esbanjamento, ponderação e desmedida, prudência e exagero. As letras, a cultura, a arte e o saber são fundamentais ao sujeito que se realiza e não podem ser negligenciados. Portanto, a escola tem lugar imprescindível nesse contexto, pois é o tempo-espaço institucionalizado responsável pela comunicação dos conhecimentos sistematizados. Não há outra instituição que realiza esse trabalho. Na realização do ato de educar, de formar, a escola, instituição educativa por natureza, faz a iniciação rigorosa e crítica dos estudantes no mundo da cultura, das artes, da filosofia, do pensamento autônomo e livre, constituindo a sensibilidade, a imaginação e a reflexão.

Referências

COÊLHO, Ildeu Moreira. Formar professores para outra escola. In: COÊLHO, Ildeu Moreira (org.). *Escritos sobre o sentido da escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012. p. 87-107.

_____. Universidade e ensino: treino ou formação? In: COÊLHO, Ildeu Moreira; FURTADO, Rita Márcia (org.). *Universidade, cultura, saber e formação*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2016. p. 87-107.

JOSGRILBERG, Rui. O último Husserl e a linguagem. In: SOUZA, Ricardo Timm de; OLIVEIRA, Nythamar Fernandes de (org.). *Fenomenologia hoje II: significado e linguagem*. Porto Alegre: Edipucrs, 2002. p. 251-268.

SARTRE, Jean Paul. *O escritor não é político?* Tradução de António Pescada, António Serra e Guilherme Valente. Lisboa: Dom Quixote, 1970.

_____. *Situações X: política e autobiografia – 2*. Tradução Pedro Tamen. Lisboa: António Ramos, 1977.

_____. Conferência de Jean-Paul Sartre – Universidade Mackenzie (1960). *Discurso*, v. 16, p. 7-32, 1987. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2318-8863.discursos.1987.37918>. Acesso em: 12 abr. 2015.

_____. *O imaginário: psicologia fenomenológica da imaginação*. Tradução Duda Machado. São Paulo: Ática, 1996.

_____. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. 8. ed. Tradução e notas Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. *Que é a literatura?* Tradução Carlos Felipe Moisés. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

LILIANE BARROS DE ALMEIDA

Graduada em Pedagogia. Doutora em Educação pela Universidade Federal de Goiás. Professora efetiva da Universidade Estadual de Goiás.

Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/1764901026226307>

Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-5241-1790>

E-mail: liliane.cardoso@ueg.br